

## **ENTRE FISSURAS E CAPTURAS: AS RESISTÊNCIAS (IM)POSSÍVEIS DE ESTUDANTES E PROFESSORES NAS ESCOLAS SUBORDINADAS À LÓGICA NEOLIBERAL**

**BECHUATE, M. L<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Professora de Psicologia/Universidade São Francisco e-mail: marianebech@hotmail.com

**Palavra-chave:** resistência; neoliberalismo; educação

A propagação do neoliberalismo no Brasil se deu por meio de uma confluência perversa em que pautas progressistas foram capturadas pelas práticas neoliberais e esvaziadas de seus aspectos políticos, ocultando os sentidos dos diferentes projetos de país em disputa. Na educação, a confluência perversa também é utilizada para fazer avançar os interesses do empresariado no setor público e privado. Sob o discurso da inovação o *ethos* empresarial penetra nas escolas e produz mudanças no papel dos professores, alunos e no sentido da educação. Tais transformações precisam ser melhor investigadas, pois o mecanismo de confluência perversa empreendido pelo discurso da inovação mascara a que se propõe, como se propaga e quais metamorfoses o projeto neoliberal realiza no campo educacional. O presente trabalho examina como são manifestadas e tratadas as insurgências, discordâncias, resistências e oposições de alunos e professores em escolas orientadas pela lógica empresarial. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os processos de subjetivação no sistema neoliberal, as formas de resistência social articuladas ao campo da educação e da intergeracionalidade e o fenômeno do neoliberalismo escolar. Foi realizada também uma pesquisa-intervenção em uma escola particular da Zona Sul do Rio de Janeiro pertencente a um conglomerado educacional. O cotidiano escolar foi acompanhado durante dois anos e meio. A análise do material empírico mostrou que as dissonâncias, insatisfações e conflitos são tratados pela instituição por meio de uma lógica do encobrimento. É tecido um discurso em prol da educação de excelência, da diversidade e da solidariedade, todavia as desigualdades de poder, as opressões e as insatisfações não são examinadas no cotidiano escolar nem abordadas abertamente. Constata-se que os professores e estudantes também expressam a maioria dos seus descontentamentos e discordâncias de forma encoberta. Os professores usam ações clandestinas para driblar o controle da coordenação. Já os estudantes utilizam principalmente o humor como mecanismo para manifestarem disfarçadamente os seus interesses divergentes dos adultos e seus incômodos e discordâncias nas relações com as professoras. Nas relações intrageracionais, as violências perpetradas em algumas interações também ficam disfarçadas ao se confundirem com o campo da brincadeira. Essas táticas não



produzem fissuras significativas no *status quo* escolar, pois se alinham a lógica de encobrimento institucional. Assim, pautas que possivelmente são comuns entre discentes ou docentes permanecem individualizadas, diluídas e silenciadas. Nota-se uma possibilidade maior dos estudantes transgredirem as normas do que as professoras devido a fragilidade da posição institucional dessas últimas. Identifica-se um assujeitamento profundo das docentes, subordinadas aos interesses da coordenação, das famílias e dos alunos quando evocam o poder dos seus pais. Observa-se que o processo de encobrimento articulado a mercantilização da educação interdita a construção de laços inter e intrageracionais pautados na alteridade, pois as dissonâncias são impedidas de aparecer e as relações entre alunos e professores ficam atravessadas pela lógica do prestador de serviço e cliente/consumidor. Defende-se, portanto, que pelo discurso da inovação há uma renovação dos mecanismos de controle e um aprofundamento das práticas de dominação.

**Agradecimentos:** CNPq, CAPES and FAPERJ.

